

COLONIZADA, MAS NÃO SILENCIADA: A PERMANÊNCIA DA CULTURA ASTECA NA CONFIGURAÇÃO ARTÍSTICA E ARQUITETÔNICA DO ZÓCALO, NA CIDADE DO MÉXICO

Ana Paula dos Santos Salvati

Introdução

El Zócalo é o nome pelo qual é popularmente conhecida a principal praça da Cidade do México, cuja denominação oficial, desde 1812, é Praça da Constituição, devido à proclamação da Constituição Política da Monarquia Espanhola ou Constituição de Cádiz, promulgada naquele ano. No Período Colonial, a praça teve outros nomes, tais como, *Plaza de las Armas*, *Plaza Mayor*, *Plaza del Palacio*. Ela começou a ser chamada de "Zócalo" em 1843, quando uma base (*zócalo*, em espanhol) foi construída no centro da praça para receber o monumento à Independência mexicana, o qual nunca foi instalado ali. Com uma área de aproximadamente 39.600 m², o Zócalo está, atualmente, entre as quatro maiores praças do mundo, mas suas origens remontam ao período pré-hispanico.

Em 1521, tropas espanholas lideradas por Hernán Cortez (1485-1547), juntamente com grupos indígenas aliados, tomaram e destruíram Tenochtitlan, cidade fundada em 1325 pelos astecas sobre o Lago Texcoco, e que em 1428 tinha assumido o domínio da região do Vale do México, sendo, portanto, considerada a capital do chamado Império Asteca, e uma das maiores cidades do mundo, com cerca de 200 mil habitantes², superando as maiores cidades europeias do século XVI³. Considerando que a produção escultórica, arquitetônica e literária dos astecas eram idolatria a outros deuses, os espanhóis destruíram esses testemunhos, e Cortez determinou que o centro político-administrativo e religioso da nova cidade fosse construído sobre o antigo centro cerimonial indígena, sobrepondo o novo regime político-cultural ao antigo. Apesar do projeto de se estabelecer ali uma cidade no modelo colonial espanhol com arquitetura europeia, é possível verificar permanências indígenas, as quais dizem respeito ao próprio traçado ordenado da cidade, à monumentalidade de sua arquitetura e à dimensão e uso de suas praças. Essa experiência transcultural, em especial no México, que formou as cidades latino-americanas, teve grande impacto sobre os espanhóis que absorveram e aplicaram certas soluções urbanas indígenas que ecoaram não apenas no continente americano, mas também além-mar.

No entanto, a historiografia não abordava, até recentemente, questões como os diversos tipos de agência histórica ameríndia, tendo produzido, portanto, um silenciamento indígena em favor do discurso

¹ Doutoranda pelo Programa Interunidades em Estética e História da Arte da Universidade de São Paulo (PGEHA-USP).

² Cf. CARRASCO, 1985, p. 70.

³ Cf. KOTKIN, 2012, p. 174.

dominante europeu. Essa situação tem mudado nas últimas décadas com o surgimento de uma nova historiografia indígena, que tem proposto modelos explicativos mais complexos para as relações interétnicas e apresentado as sociedades ameríndias como parte do sistema colonial do qual elas são parte constituinte e atuante⁴.

Outra contribuição no sentido de desconstruir o eurocentrismo histórico na América Latina, é a produção de intelectuais das ciências humanas, em sua maioria latino-americanos, da corrente conhecida como "pensamento decolonial"⁵, os quais rompem com as leituras mais canônicas, questionando o raciocínio dual de centro e periferia imposto pela visão eurocêntrica, sobretudo baseados nas ações da "colonialidade de poder"⁶. A partir desse conceito, a Europa, representada pelo homem branco cristão, colocou-se na posição central na História Mundial, e passou a considerar todas as outras partes do planeta como subalternas e periféricas. Desta forma, todas as ações colonizadoras europeias exercidas sobre o mundo seriam justificadas pela "bandeira" da Modernidade, e seus atores, como libertadores dos povos pagãos da barbárie e promotores do desenvolvimento e do progresso.

Portanto, a abordagem da configuração visual do Zócalo, na Cidade do México, será feita pelo viés teórico decolonial, ou seja, a partir da desconstrução de narrativas eurocêntricas e demonstrando as permanências da cultura e do urbanismo ameríndios de Tenochtitlan na cidade colonial, as quais, ainda hoje, podem ser identificadas.

A cidade asteca de Tenochtitlan

A cosmologia orientava os astecas em relação à sua percepção de tempo, de espaço, o relacionamento do ser humano com a natureza, a conduta e o cuidado do corpo humano, princípios básicos de organização social, religião, mitologia, ritual, mágica, medicina e calendário. Nesse sentido, o desenho da cidade de Tenochtitlan, refletia a ordem que havia no universo: a área foi dividida em quatro partes que marcavam as quatro direções do universo, e ao centro, o espaço sagrado, que fazia a união vertical com o céu e o inframundo, e era considerado o umbigo do mundo. Separadas por estradas em forma de cruz, as quatro regiões ou bairros de Tenochtitlan, eram Mayotlan, Teopan, Atzacualco e Cuepopan, e no centro estava o recinto cerimonial que era constituído por 78 edifícios, entre eles, o *Templo Mayor*. As praças, no contexto urbano ameríndio eram locais de múltiplos usos, onde eram realizadas celebrações, trocas comerciais e

⁴ Cf. SANTOS, 2014, pp. 218-232.

⁵ O movimento decolonial, formado por pensadores como Edgardo Lander, Arturo Escobar, Walter Dignolo, Enrique Dussel, Anibal Quijano e Fernando Coronil, entre outros, publicou um importante documento coletivo do Grupo Modernidade/Colonialidade - grupo desagregado do Grupo de Estudos Subalternos - intitulado "La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales". Cf. BALLESTRIN, 2013, pp. 89-117. Cf. LANDER, 2005.

⁶ Termo cunhado por Anibal Quijano (Cf. QUIJANO, 2005, pp. 107-130).

cerimônias, sendo necessário que fossem amplas para receberem o povo que passava grande parte do tempo ao ar livre.

Grandes estradas foram construídas para ligar a ilha ao continente e aos aquedutos. As três principais, e que permanecem até hoje, são: ao sul, a *Calzada de Iztapalaga* (atualmente, Estrada Tlalpan e Avenida San Antonio Abad); a oeste, a *Calzada de Tlacopan* (atualmente, Rua México-Tacuba), e que se ligava ao aqueduto de Chapultepec; ao norte, a *Calzada de Tepeyácac* (atualmente, Estrada dos Mistérios).

A ocupação territorial era organizada segundo uma hierarquia, na qual as elites sociais ocupavam as áreas mais próximas ao centro, enquanto que o povo ficava nas áreas mais periféricas. As casas das classes privilegiadas eram maiores e construídas com pedras, enquanto que as casas da população mais simples eram feitas de adobe. O edifício residencial mais importante era o palácio real, chamado de Palácio de Moctezuma II, que fazia frente à grande praça e estava ao lado do centro cerimonial.

Foi no auge político e econômico de Tenochtitlan que os espanhóis chegaram, liderados por Hernán Cortez, em 1519, e ficaram impressionados com a dimensão, organização, riqueza e limpeza da cidade. Assim escreveu Cortez ao Rei Carlos V (1500-1558) sobre a cidade de Tenochtitlan:

Procurarei dar, mui poderoso senhor, um pequeno relato das grandezas, maravilhas e estranhezas desta grande cidade de Tenochtitlán, de sua gente, seus ritos e costumes, assim como da maneira ordeira como a governam (...). Esta cidade é tão grande como Sevilha e Córdoba. As ruas principais são muito largas e retas. (...). Há duas pontes, de vigas muito bem trabalhadas e fortes. Tem muitas praças, onde há contínuos mercados e pontos de compra e venda⁷.

Dois anos depois do primeiro contato, os espanhóis e seus aliados indígenas insatisfeitos com os tributos, derrotaram e destruíram Tenochtitlan. No entanto, sobre ela se ergue uma nova cidade.

A Cidade do México Colonial

Cortez determinou que a construção da nova cidade fosse executada sobre os escombros de Tenochtitlan, utilizando as pedras de sua arquitetura. Segundo Michael Smith, "a fundação de uma nova cidade-estado [asteca] costumava começar com a construção de três elementos principais: o palácio real, o templo piramidal, e o mercado"⁸, determinando a existência do espaço sagrado, da liderança política e do comércio⁹. Esses elementos permaneceram na Tenochtitlan barroca. O projeto, realizado por Alonso García Bravo (1490-1561) em 1524, baseava-se nas linhas já existentes na cidade asteca, formadas pelos canais e estradas. Os principais elementos do conjunto simbólico arquitetônico, representantes dos poderes da cidade

⁷ CORTEZ, 1986, p. 45.

⁸ SMITH, 1996, p. 163 apud VAN TUERENHOUT 2005, p. 139, tradução nossa.

⁹ Cf. KOTKIN, 2012, pp. 14, 20.

colonial foram construídos sobre os seus equivalentes da cidade indígena. Desta forma, a Catedral Metropolitana e o Sagrario estão localizados muito próximos ao que antes era o *Templo Mayor*; o Palácio Nacional, encontra-se onde antes era o antigo Palácio Real; o mercado, que servia de ponto de encontro social e de negócios, e também era um indicador da riqueza econômica local, foi reinstalado por Cortez na parte sul da praça principal, onde, no início do século XVIII, foi construída sua sede fixa, com dois edifícios de dois andares, denominada *Mercado del Baratillo* ou *El Párian*, projetado por Pedro Jiménez de los Cobos e construído entre 1695 e 1703, sendo demolido em 1843. E, principalmente, no centro desses edifícios de poder, manteve-se a grande praça que agregava todos esses elementos e também funcionava como espaço de múltiplas funções, com atividades e celebrações no âmbito civil, religioso e político. Criou-se, assim, um novo modelo de centro urbano na América Hispânica que estabeleceu uma relação de valor entre as construções e sua proximidade do centro, algo que não ocorria nas grandes cidades europeias, as quais tinham seus edifícios representativos dispersos pela cidade¹⁰, mas já acontecia na cidade asteca, devido à organização social ameríndia que estabelecia a ocupação dos arredores da praça pela elite, disposição que foi mantida pelos espanhóis.

Em 1790, buscando uma renovação Neoclássica da cidade, o novo Vice-rei Juan Manuel de Güemes Pacheco Padilla (1740-1799), segundo Conde de Revillagigedo, contratou o arquiteto Ignacio de Castera (c.1750-1811) para realizar uma grande reurbanização¹¹. Como parte desse projeto, a área leste da praça foi gradeada e recebeu quatro portões de ferro, fontes e a estátua equestre do Rei Carlos IV (1748-1819), conhecida como "*El Caballito*"¹², projetada por Manuel Tolsá (1757-1816), então diretor da Academia de São Carlos e instalada no Zócalo em 1803. Com o advento da Independência, a escultura foi removida em 1824 e reinstalada em vários outros locais da cidade, até que, finalmente, foi fixada em frente ao Museu Nacional de Arte em 1979. Na segunda metade do século XIX, o Zócalo abrigou as ideias europeias de arborização e ajardinamento dos espaços públicos, transformando-se em 1866, a mando do prefeito Ignacio Trigueros (1805-1879), em um grande jardim com árvores, bancos de ferro e quatro fontes, bem como um quiosque para apresentação de bandas e orquestras que foi instalado sobre a base (*zócalo*) feita para o monumento à Independência que não chegou a ser instalado ali. A chegada da eletricidade, trouxe os trilhos dos bondes elétricos, que passaram pela praça de 1900 a 1958. No começo do século XX, as árvores foram removidas, mas foram mantidas as fontes e o jardim, e um novo projeto, realizado por Manuel Gorozpe (1868-1925) e Luis R. Ruiz, trouxe para os quatro cantos da praça, em 1921, quatro esculturas de *Pegasus*, do artista espanhol Agustín Querol (1860-1909), as quais, desde a década de 1930,

¹⁰ Cf. PAGE, 2008, p. 46.

¹¹ Durante essa reforma, no mesmo ano de 1790, foram descobertos dois monolitos emblemáticos astecas sob a praça: a escultura da deusa da Terra, Coatlicue, descoberta em agosto, e a Pedra do Sol ou Calendário Asteca, em dezembro. Ambas hoje estão no Museu Nacional de Antropologia.

¹² Em 1796 foi instalada uma primeira escultura feita de madeira e gesso pintado em dourado antes da instalação da obra de Tolsá em 1803.

encontram-se em frente ao *Palacio de Bellas Artes*, para o qual haviam sido encomendadas e onde primeiro foram instaladas em 1912, antes de irem para o Zócalo. A última e mais radical mudança do Zócalo ocorreu entre 1957 e 1958, quando o Governador do Distrito Federal, Ernesto P. Uruchurty (1906-1997), também conhecido como "Regente de Ferro", tirou o jardim e os monumentos e cimentou toda a praça, colocando a bandeira nacional ao centro, deixando-a com um aspecto de parada militar.

Essa última configuração acabou por facilitar o ajuntamento de grande número de pessoas, tanto para shows e eventos, como para manifestações populares de teor político ou artístico.

Conclusão

O Zócalo, embora bem menor do que o centro cerimonial asteca¹³, o teve como base e inspiração, inclusive no aproveitamento dos edifícios ao seu redor e sua funcionalidade, fazendo da praça quase quadrada, um espaço de celebração civil, religiosa e de comércio, além de agregar o principal centro de poder político, fazendo do complexo em si um símbolo de poder. Considerado pelos astecas como o centro do mundo, seu espaço cerimonial era o ponto de partida de suas principais ruas, cujo traçado ainda permanece atualmente com outras denominações. Ao redor da ampla e aberta praça, estão quadras basicamente regulares e ruas retilíneas.

O historiador da arte estadunidense George Kubler (1912-1966), quando publica a primeira edição em inglês de seu livro sobre a arquitetura mexicana do século XVI em 1948, já destacava a permanência indígena na capital mexicana, afirmando que "a Cidade do México reflete ainda as principais formas da capital asteca. Várias ruas centrais seguem o curso dos antigos canais¹⁴". Ele também apontava para a importância da experiência na Cidade do México para o urbanismo:

As criações urbanas do século XVI no México tem importância não apenas para a história da colonização espanhola, mas também para a história do urbanismo em geral. Tais obras constituem um dos capítulos mais importantes dentro da história do urbanismo ocidental e incluíram hipóteses nunca antes testadas na Europa, liberdade completa de experimentação, uma expansão incipiente e recursos ilimitados¹⁵.

Não se negam, no entanto, que houveram também transferências e influências dos fazeres e saberes espanhóis na constituição das cidades coloniais hispano-americanas. Mas, o que se propõe, é a revisão da historiografia de matriz europeia que silencia a cultura indígena nesse processo, destacando outras influências de origem também europeias como os acampamentos militares romanos, as ideias racionalistas

¹³ Segundo Carlos Chanfón Olmos (1928-2002), arquiteto e professor universitário mexicano, o centro cerimonial asteca seria quatro vezes maior do que a atual praça (Cf. CHANFÓN OLMOS, 1997, p. 212).

¹⁴ KUBLER, 1982, p. 108, tradução nossa.

¹⁵ Ibidem.

da Renascença ou os escritos de Vitruvius (séc. I a.C.), por exemplo. A esse respeito, Carlos Chanfón Olmos adverte que esses exemplos poderiam ser interessantes antecedentes formais, mas nunca poderiam ser antecedentes culturais, já que os assentamentos urbanos indígenas, cujas principais características eram o planejamento espacial, a escala, o centralismo, a abertura e a ortogonalidade, já existiam muitos séculos antes da chegada dos europeus¹⁶. Pode-se dizer, conforme afirma Lucía Mier y Terán Rocha que, "a experiência peninsular na criação de cidades é tão importante quanto a influência dos elementos urbanos indígenas que imprimiram sua marca e dotaram as novas cidades coloniais de personalidade própria¹⁷".

O fato fundamental é que não se pode mais ignorar a transculturalidade na formação das cidades latino-americanas e que esse movimento de adaptação do desenho urbano reflete a situação de uma nova sociedade em formação, como aponta Setha Low:

A evidência etno-histórica e arqueológica sugerem que a praça colonial evoluiu a partir de influências indígenas e espanholas e modelos que criaram uma nova forma de design urbano. Esta nova forma, a praça americana espanhola mantém elementos arquitetônicos, espaciais e físicos de ambas as tradições, de modo que as tensões culturais de conquista e resistência são simbolicamente codificadas em sua arquitetura¹⁸.

Verifica-se, portanto, que no processo de transformação cultural das novas cidades hispano-americanas houve um processo de transferências de modelos que cruzava o Atlântico nos dois sentidos. Apesar dos espanhóis já estarem implantando a quadrícula na construção das cidades na América, modelo urbano definido por um esquema ortogonal de ruas quadradas ou retangulares com uma praça central, em cujos lados deveriam estar a igreja principal, o conselho municipal e a residência do governante, Tenochtilan já utilizava o modelo ortogonal e a concentração de edifícios de poder ao redor de uma praça de grandes dimensões e diversos usos, rodeada por edifícios de arquitetura monumental, cuja ordenação refletia sua cosmologia. Os espanhóis tomaram o conceito de ordem como símbolo de bom governo, de poder e de controle social pela ordenação espacial.

As diversas modificações pelas quais o Zócalo passou refletem as próprias mudanças da cidade. Embora a presença física do passado indígena tenha se tornado visível e materialmente presente na região sobretudo com as escavações do *Templo Mayor* a partir de 1978¹⁹, o legado de Tenochtitlan sempre esteve

¹⁶ Cf. CHANFÓN OLMOS, 1997, p. 200.

¹⁷ ROCHA, 2005, p. 79, tradução nossa.

¹⁸ LOW, 1997, p. 759, tradução e grifo nosso).

¹⁹ Em 1913, escavações de Manuel Gamio (1813-1960), na esquina das ruas Guatemala e Seminário, trouxeram à luz um dos cantos do *Templo Mayor*, mas as escavações não prosseguiram. Em 1978, funcionários da *Compañía de Luz y Fuerza* que trabalhavam na esquina das ruas Argentina e Guatemala, depararam-se com outro monólito asteca e chamaram os arqueólogos do Instituto Nacional de Antropología e História (INAH), que identificaram a peça como a escultura de Coyolxauhqui, deusa da Lua. A partir daí, deu-se início ao Projeto Templo Mayor, liderado por Eduardo Matos Moctezuma, e à posterior fundação do Museu Templo Mayor no local, em 1987, trazendo fisicamente à tona parte da cidade indígena soterrada.

ali, no traçado ordenado de suas principais vias, na monumentalidade de sua praça principal e arquitetura e na localização de seus principais símbolos de poder.

Referências bibliográficas

- BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília: Instituto de Ciência Política da Universidade de Brasília, nº 11, pp. 89-117, mai./ago. 2013.
- CARRASCO, Pedro. **América indígena / la conquista**. Madrid: Alianza Editorial, 1985.
- CHANFÓN OLMOS, Carlos. **Historia de la arquitectura y el urbanismo mexicanos, v2, El periodo virreinal**. México D.F.: FCA: FA/UNAM, 1997.
- CORTEZ, Hernan. **A conquista do México**. Trad. Jurandir Soares dos Santos. Porto Alegre: L&PM Editores, 1986. (Os Conquistadores, vol. 2).
- KOTKIN, Joel. **A cidade: uma história global**. Trad. Rafael Mantovani. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.
- KUBLER, George. **Arquitectura mexicana del siglo XVI**. Trad. Roberto de la Torre, Graciela de Garay y Miguel Ángel de Quevedo. México D.F.: FCE, 1982.
- LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005. Colección Sur Sur.
- LOW, Setha M. Architecture and the Spanish American Plaza in Mesoamerican and the Caribbean. **American Anthropologist**, New Series, v. 97, n. 4. 1995, pp. 748-762. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/682595>>. Acessado em: 11 nov. 2017.
- PAGE, Carlos A. **El espacio público en las ciudades hispanoamericanas: el caso de Córdoba, Argentina: siglos XVI a XVIII**. Córdoba: Báez Ediciones, 2008.
- QUIJANO, Aníbal. A colonialidade do poder: Eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005, pp. 107-130. Colección Sur Sur. Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_QUIJANO.pdf>. Acesso em: 03 mar. 2017.
- ROCHA, Lucía Mier y Terán. **La primera traza de la ciudad de México: 1524-1535**. México D.F.: FCE, Universidad Autónoma Metropolitana, 2005.
- SANTOS, Eduardo Natalino. As conquistas de México-Tenochtitlan e da Nova Espanha: guerras e alianças entre castelhanos, mexicas e tlaxcaltecas. **Revista História Unisinos**, v. 18, Nº 2, 2014, pp. 218-232.
- SMITH, Michael. *The strategic provinces*. In: BERDAN, Francis et all. (Ed): **Aztec imperial strategies**. Washington, D.C.: Dumbarton Oaks, 1996, pág. 137 - 150.
- VAN TUERENHOUT, Dirk R. **The Aztecs: new perspectives**. Santa Barbara, California: ABC-CLIO, 2005.